



## DOCUMENTAÇÃO DA CADEIA OPERATÓRIA ENVOLVIDA NA PRODUÇÃO CERAMISTA NO QUILOMBO DE ITAMATATIUA, ALCÂNTARA – MARANHÃO, BRASIL

<sup>1,\*</sup>Arkley Marques Bandeira, <sup>2</sup>KláutenysDellene Guedes Cutrim, <sup>3</sup>Conceição de Maria Belfort de Carvalho, <sup>4</sup>Celso José Brandão Santos, <sup>5</sup>Jadson Fernando Rodrigues Reis, <sup>6</sup>Vanessa de Matos Tavares Cogo and <sup>7</sup>Yuri Sampaio Capellato Logrado

- <sup>1</sup>Doutor em Arqueologia. Departamento de Oceanografia e Limnologia e Professor Permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e PRODEMA – Universidade Federal do Maranhão.  
<sup>2</sup>Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Departamento de Turismo e Hotelaria. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade – Universidade Federal do Maranhão.  
<sup>3</sup>Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Departamento de Turismo e Hotelaria. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade – Universidade Federal do Maranhão.  
<sup>4,5,6,7</sup>Mestrandos do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – Universidade Federal do Maranhão.

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 25<sup>th</sup> January, 2021  
Received in revised form  
20<sup>th</sup> February, 2021  
Accepted 19<sup>th</sup> March, 2021  
Published online 24<sup>th</sup> April, 2021

#### Key Words:

Itamatatiua,  
Quilombo,  
Modo de fazer,  
Ceramistas, Ancestralidade.

### ABSTRACT

O trabalho manual produzido a partir de distintas matérias-primas apresenta grande importância simbólica e cultural, pois carrega consigo conhecimentos, experiências e técnicas desenvolvidos ao longo dos tempos. Entre os mais belos e importantes está o ofício ceramista, que é uma das práticas mais antigas entre os povos sedentários do mundo. Este trabalho apresenta a tradicionalidade na produção de utensílios de cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua, que localiza-se na cidade de Alcântara – Maranhão, Brasil. Nesse território, o recorte da pesquisa enfocou o modo de fazer cerâmica com um aspecto cultural e da identidade das louceiras e no papel das mulheres que se reúnem em torno deste ofício artesanal para produzirem diferentes peças cerâmicas, resgatando e preservando a sua herança ancestral.

Copyright © 2021. Arkley Marques Bandeira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Arkley Marques Bandeira, KláutenysDellene Guedes Cutrim, Conceição de Maria Belfort de Carvalho et al. "Documentação da cadeia operatória envolvida na da produção ceramista no quilombo de itamatatiua, alcântara – maranhão, brasil", 2021. International Journal of Current Research, 13, (04), 16993-16997.

## INTRODUCTION

A palavra cerâmica vem do grego "keramikós", que significa argila queimada. Ela surgiu na pré-história quando o homem, após descobrir o fogo, utilizou-o para queimar o barro, produzindo utensílios domésticos (vasilhas, potes, etc.). Como o próprio nome diz, a cerâmica é um produto oriundo do manuseio e da queima da argila.

\*Corresponding author: Arkley Marques Bandeira,  
Doutor em Arqueologia. Departamento de Oceanografia e Limnologia e Professor Permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura

O ofício de ceramista e os produtos advindos desse modo de fazer carregam consigo grande valor arqueológico e etnográfico. Isso se deve ao fato de ser um material bastante resistente e que envolve informações sobre o comportamento humano e dos grupos humanos de determinada região, a exemplo de suas características culturais, modo de vida e costumes, sendo assim, objeto de investigação valiosos para as ciências humanas (ARNOLD, 1985). Estudos de Bandeira (2013) em sítios arqueológicos denominados sambaquis<sup>1</sup>, com

<sup>1</sup> O pesquisador André Prous definiu etimologicamente que a "palavra sambaqui seria derivada de tamba (marisco) e Ki (amontoamento) em Tupi" (1992, p.204), sendo tais sítios obra da atuação humana, caracterizados pela presença maciça de conchas, carapaças de moluscos, e, em menor número, de

artefatos cerâmicos datados de até 6.600 anos atrás comprovam que o Maranhão apresenta um dos mais antigos resquícios de atividades ceramistas da América. Esses povos pré-coloniais viviam na Ilha de São Luís e o modo de vida ceramista de perpetuou por mais de 5 mil anos. Segundo o autor, foi a partir daí, que a manufatura e a produção de cerâmica e de produtos de barro se disseminaram entre quase todos grupos indígenas conhecidos arqueologicamente e etnograficamente (BANDEIRA, 2013). Com a chegada de povos africanos escravizados, a partir do século XVII, novas técnicas de produção ceramista foram incorporadas e partilhadas entre os povos originários do Brasil, resultando em uma cerâmica denominada de *neobrasileira*. A produção de artefatos cerâmicos pode ser desenvolvida por diversas técnicas produtivas, fato que condiciona a forma, função e o emprego social dos artefatos. Tais elementos têm relações diretas com a tradicionalidade, ancestralidade e o domínio dos processos de produção. Como exemplo, citam-se as técnicas: roletada, modelada e moldada, nas quais são utilizados equipamentos auxiliares como, por exemplo, o torno e, também, podem ser acrescentados materiais para melhorar a textura ou torná-los mais resistentes como cascas de árvores, areia, restos de cerâmicas entre outros, além de envolver habilidades e talento (BELLIDO, LATINE, 2013).

Contudo, ainda persistem modos de fazer cerâmica mais tradicionais, sem a utilização de equipamentos, a exemplo das modelagens, que atestam a resiliência de técnicas ancestrais no presente. Apesar da modernização e da variedade de tipos de matérias-primas na fabricação de utensílios domésticos, alguns povos tradicionais como indígenas e quilombolas ainda que de forma rara, preservam a ancestralidade e produção de peças cerâmica. Nesse artigo apresenta-se o modo de fazer cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua, em Alcântara – Maranhão, uma das últimas comunidades quilombolas do Brasil a manter o ofício artesanal de manufatura cerâmica artesanal.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada no trabalho foi a etnometodológica que segundo (FONSECA, 2002, p.36):

O termo etnometodologia se refere nas suas raízes gregas às estratégias que as pessoas utilizam cotidianamente para viver. Tendo essa referência por norte, a pesquisa etnometodológica visa compreender como as pessoas constroem ou reconstruem a sua realidade social. Para a pesquisa etnometodológica, fenômenos sociais não determinam de fora a conduta humana. A conduta humana é o resultado da interação social que se produz continuamente através da sua prática cotidiana. Os seres humanos são capazes de ativamente definir e articular procedimentos, de acordo com as circunstâncias e as situações sociais em que estão implicados. A pesquisa etnometodológica analisa deste modo os procedimentos a que os indivíduos recorrem para concretizar as suas ações diárias.

restos de peixes e outros animais associados a instrumentos líticos e ósseos, objetos cerâmicos e esqueletos humanos, estruturas de habitação e fogueiras, formando colinas que podem alcançar mais de trinta metros de altura em algumas partes do Brasil.

O trabalho foi estruturado por etapas, onde primeiramente foi feito uma pesquisa exploratória de dados bibliográficos e depois trabalho de campo, onde aferiu-se “inventário de referencia cultural”, que se trata de um instrumento desenvolvido pelo IPHAN, no âmbito da política nacional de patrimônio imaterial que visa conhecer o universo de um bem cultural de determinada região ou pode relacionar-se a um determinado tema, funcionando como um mapeamento abrangente, onde:

[...] a situação de diálogo que necessariamente se estabelece entre pesquisadores e membros da comunidade propicia uma troca de que todos sairão enriquecidos: para os agentes externos, valores antes desconhecidos virão ampliar seu conhecimento e compreensão do patrimônio cultural; e para a comunidade, esse contato pode significar a oportunidade de identificar e valorizar partes do acervo material e simbólico que constitui uma riqueza às vezes desconhecida ou não devidamente avaliada (IPHAN, 2000, p.19).

Em campo focou-se a identificação dos locais de coleta das matérias-primas, de lugares de memórias e histórias, como a igrejas e espaços de vivências e também acompanhamento de todo o processo de fazer cerâmica por meio de conversas, anotações, fotografias e coleta de pontos para mapeamento. Após a etapa de coleta de dados, partiu-se para a etapa de gabinete, na elaboração de mapas por meio do uso do SIG (Sistema de Informação Geográfica), no programa ArcGis 10.5 em parceria com o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC). No programa “GPS-TrackMaker” pôde-se transformar os dados em formato “*shapefile*” associado no ArcGis aos *shapes*, elaborado. Os mapas foram confeccionados na escala 1:25 mil cuja projeção foi aferida pelo sistema de coordenadas UTM (Universal Transversa de Mercator) com *datum* de referência SIRGAS 2000, Zona 23 Sul.

## DISCUSSÃO

**A comunidade de Itamatatiua:** A comunidade quilombola do Itamatatiua localiza-se na região norte do Maranhão, há cerca de 50 km da sede do município de Alcântara-MA, a qual se limita a oeste com o município de Cajapió e a bacia de São Marcos, a Oeste e norte com oceano Atlântico e ao sul com o município de Cajapió. O acesso ao povoado se dá por meio da MA - 106, quilômetro 308, pela Estrada de Pinheiro, ainda mais rápido pode ser também acessada por meio de barco pela baía de São Marcos. É o mais influente de uma rede de 42 povoados que recebem um título conhecido como terras de Santa Tereza (PEREIRA, 2012).

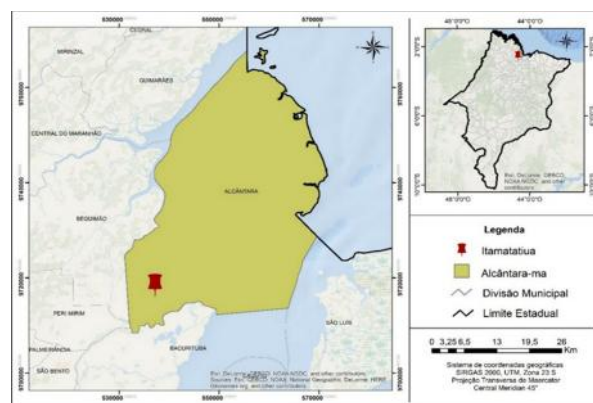


Figura 1. Localização da comunidade quilombola de Itamatatiua, Alcântara - MA. Fonte: Autores, 2018

Geologicamente, o município de Alcântara se encontra na bacia sedimentar do Parnaíba, possuindo as formações: Itapecuru, grupo barreiras, depósitos de pântanos e mangues, depósitos fluviomarinhos, depósitos de cordões litorâneos e depósitos aluvionares. (CPRM, 2011). O Relevo é formado por planícies fluviais e fluvio-marinhas. Com superfície extremamente horizontalizada, onde os sedimentos predominantes são a areia e a argila (FEITOSA, 2006). Os solos da região são: Latossolo Amarelo, Podzólico Vermelho Amarelo, Plintossolos, Gleissolos e Solos de Manguê (EMBRAPA, 2006). A vegetação é caracterizada por mangues e por se apresentar no bioma amazônico, possui vegetações altas e densas (EMBRAPA, 2006). Em relação a hidrografia os principais rios são do Explendor, Peri-Açu, Pratitá e muitos Igarapés (CPRM, 2011), que serviam no passado como fontes de matérias-primas e para o escoamento da produção cerâmica.

**O modo de fazer cerâmica:** O município de Alcântara concentra o maior número de comunidades quilombolas certificado no Brasil. Segundo a Fundação Cultural Palmares, são contabilizadas 156 comunidades certificadas. No caso de Itamatatua, documentos históricos informam que as origens do povoamento remontam à existência de uma fazenda da Ordem Carmelitana na região, que, após o declínio do período escravocrata, foi extinta e as terras remanescentes foram deixadas para a população afrodescendente, que iniciaram a ocupação da área. A comunidade quilombola de Itamatatua, possui aproximadamente 323 anos, sendo formada por 130 famílias e cerca de 500 habitantes. A Líder da comunidade é Dona Neide de Jesus, é ela que define a forma de administração das terras na comunidade e resolve os fatores primordiais para continuidade da tradicionalidade social e religiosa do local. A posse da terra é defendida por meio de uma “pedra documento” deixada na igreja da comunidade pelos membros da ordem do Carmo, e por conta disso, torna-se um documento comprovador de doação de terras para Santa Teresa e guardada pela comunidade.

O território é de grande importância para uma comunidade tradicional, pois é ali que são assegurados o modo de vida e a permanência da cultura herdada por seus ancestrais, em para que isso permaneça existindo há toda uma organização social e política nesses espaços. Conforme o (INCRA, 2017, p.7):

É a partir da efetiva incorporação dessas características físicas e simbólicas (a terra e a vida social específica que ocorre sobre a mesma) que os membros dessas comunidades se reproduzem física e socialmente e se apresentam modernamente enquanto titulares das prerrogativas que a Constituição lhes garante. É o domínio dessas características que acabam por vincular as pessoas ao território, e não o contrário, pois o território é o todo que garante a continuidade da vida e a comunidade e seus membros são uma de suas partes.

Economicamente, a comunidade se mantém por trabalhos de agricultura familiar, extrativismo vegetal, pesca, criação de animais e da produção de peças cerâmicas realizadas pelas mulheres, que é um trabalho muito reconhecido na comunidade, além das características culturais ricas e marcantes por meio de tradição de festas e movimentos religiosos, tais como rodas de tambor de crioula e o festejo da Padroeira Santa Tereza de Ávila ou Santa Tereza de Jesus. A produção da cerâmica em Itamatatua é feita artesanalmente e assadas em três grandes fornos situados no Centro de Produção,



**Figura 2. Sede e de produção de cerâmicas em Itamatatua-MA; Figura 1B - Lojinha com os produtos cerâmicos a venda no próprio galpão de produção. Fotos: Autores, 2017**

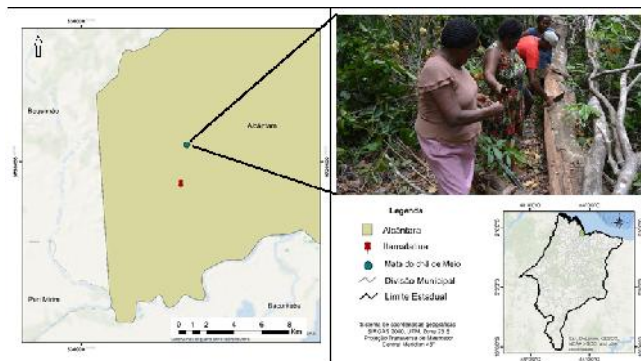
onde localiza-se também o salão de vendas com todas as peças prontas. As principais matérias-primas utilizadas na manufatura cerâmica são: a argila, a areia, a água e os antiplásticos, como o itaipé. A seguir, apresenta-se o passo a passo da manufatura cerâmica, abordando a cadeia operatória desse modo de fazer.

**A coleta da argila:** A coleta da argila é realizada próxima ao centro de produção, no quintal das casas, onde se cava cerca de 1,20m a 1,50m de profundidade até encontrar o veio da argila apropriada para o consumo. Nesse trabalho são usadas cavadeiras, enxadas baldes e côfos para a retirada e transporte para a superfície. A extração do material é feita no verão e de forma sustentável, pois é realizado um rodízio para dar tempo do baixão se recuperar, com os novos depósitos de sedimentos, após o período de chuvas, evitando a degradação e a super exploração. A argila é extraída somente no período seco e em grande quantidade e estocada para que se tenha essa matéria-prima no período chuvoso (figuras 4a e 4b).



**Figura 3. Coleta da argila no quintal da casa de dona Neide de Jesus; Figura 2B - Estocagem da argila no quintal do Galpão. Fotos: Autores, 2018**

**Extração do itaipé:** O itaipé ou taupé é uma árvore, cuja casa seca é utilizada como tempero ou antiplástico da cerâmica. Ele serve para dar liga à argila ainda mole e permitir a sua moldagem. Essa matéria-prima é utilizada apenas nos produtos que vão ao fogo diferentes vezes no processo de cozimento de alimentos, como assadeiras, panelas e outras peças mais valiosas. Somente três ceramistas fazem a manipulação do barro e do itaipé porque nem todas sabem manipular. Existem dois tipos de itaipés, que são extraídos na mata do Chã do Meio, uma área que é bastante preservada e vigiada pelas ceramistas. Existe a árvore pequena, de coloração clara puxando para o acinzentado, com os seus troncos mais finos, e o itaipé de tom mais escuro, cujo tronco é mais grosso e a árvore ganha maior porte. Esse último é o mais usado pelas ceramistas, mas para que isso aconteça, cortam o tronco e deixam apodrecendo cerca de um ano, até que a casca possa sair com facilidade. Por ser uma árvore de boa madeira está em extinção e, por isso, na comunidade é proibido tocar fogo de roçagem nas áreas onde existem o itaipé. A busca dessa matéria é sempre realizada em equipes, formadas por mulheres e poucos homens, geralmente eles são os responsáveis por cortar a árvore, abrir a trilha e ajudar a carregar o itaipé até o veículo de transporte.



**Figura 4.** Mata do Chã de meio, localização onde se realiza a extração do itaquipé. Fonte: Autores, 2018

### Preparação da argila e do itaquipé para a produção:

Geralmente, as ceramistas preparam a argila para produção em quantidade certa para um período semanal e para isso seguem as seguintes etapas: pegam parte do estoque e deixa descansar por três dias, após esse período colocam a argila no maromba (máquina elétrica que serve para misturar e amaciar a argila e a areia), dão mais um período de pausa de alguns dias, onde

novamente é “temperada” com a adição de areia fina e água, para ser amaciada mais uma vez, é quando se inicia o processo de montagem das peças. Ao passo que o itaquipé, é colocado para secar, para depois ser queimado ao ar livre, socado e peneirado. O fino pó é guardado em sacos ou recipientes plásticos.



**Figura 4.** A) Itaquipé bruto (casca como foi extraída); B) Itaquipé queimado e socado e C) Itaquipé Peneirado. Foto: Autores, 2018

**Processo de produção e moldagem:** A produção das cerâmicas é feita a mão e, por isso, é preciso ter técnica, geralmente adquirida dos mais velhos para os mais novos. O formato e tipo de peça dependem da inspiração das ceramistas que produzem de jarros a bonecas, passando por alguidares, potes, panelas, vasos, que denotam grande variedade e um trabalho que requer atenção, paciência e muita criatividade.

No caso de Itamatatua, segundo Bandeira (2018), o modo de fazer cerâmica se assemelha bastante à tecnologia indígena brasileira, principalmente pelo uso da sobreposição de roletes ou tiras para construção e estruturação dos artefatos, técnica denominada de roletada ou acordelada. Tal situação é particularmente importante, visto que não existem populações indígenas autorreconhecidas ou oficiais na área da pesquisa. Logo, esses indícios vêm indicando fortes relações afro-indígenas, que estão perpetuadas nos fazeres, modos de ocupação do território, uso do espaço e tecnologias de cerâmica, cestaria, dentre outros, bem como no universo simbólico e nas religiosidades.



**Figura 5.** Equipamentos necessários à manufatura cerâmica e Vaso cerâmico estruturado com os roletes unidos. Fotos Autores, 2016

Antes da queima é preciso que as peças sequem, necessitando de tempo e cuidado, pois não podem ser colocada em qualquer lugar, precisa-se de um espaço ventilado, mas sem calor do sol para evitar que essas rachem ou sequem a ponto de ficar dura. O tempo de secagem pode durar até oito dias, dependendo da peça e da condição do tempo. Quando secas, as cerâmicas são polidas com o cuipeua (espátula), seixos e escovas, até deixá-las lisas. Depois disso são levadas ao forno, de forma organizada e cuidadosamente evitando que quebrem. As maiores peças ficam embaixo e as menores encima, depois tampam o forno com peças de zinco reutilizáveis.



**Figura 6a.** Polimento das peças cerâmicas após a secagem e antes da queima. Foto: Arkley Bandeira, 2018; **Figura 6b-** Forno de queima cerâmica, com objetos já queimados em seu interior. Fotos: Autores, 2018

Na hora de assar as peças, o papel do enforador é fundamental, é ele que escolhe a lenha, que acende o fogo, além de sempre controlar o tempo e o processo de queima que pode durar até 12 horas, esse trabalho requer atenção e disposição pois não pode deixar o fogo se apagar e nem ficar muito alto. O ponto de queimada é quando a cor da fumaça torna-se clara, nesse momento o enforador retira todo excesso de brasa pra evitar que continue queimando. Atualmente, quem desempenha esse papel é o Sr. João dos Santos. Após o período de queima, acontece o desenformo que pode ocorrer até três dias depois da queima pois é preciso que as peças estejam totalmente frias pois pode ocorrer o choque térmico e quebrar a cerâmica. Assim que desenformada, a cerâmica é limpa e quando há rachaduras ou com pequenos trincagens são restauradas, mas quando muito quebradas, são trituradas e servem como mistura para peças cruas, as prontas são vendidas na lojinha do galpão, os preços são variados e dependem do tamanho e tipo de peça.

Em relação à tipologia, muitas peças remetem ao passado quando eram usadas para fins domésticos, no dia-a-dia, como vasilhas para colocar alimentos, água, panelas, filtros, fogareiros, etc. Com o aumento do turismo e as visitas constantes à comunidade, a produção de cerâmicas mudou para peças pequenas e mais fáceis de carregar, e os jarros e potes maiores são produzidos sob encomendas por serem mais caras e mais difíceis de produzir. A produção é feita de forma coletiva, mas cada uma é responsável por seus produtos e os

conhecem muito bem. A venda também acontece de forma coletiva, mas o dinheiro é coletado de forma individual, conforme a autoria da produção. As crianças também participam da produção, fazendo peças menores. O período de maior aquecimento de vendas é o período seco, pois é quando os aparecem mais visitantes. Já no período chuvoso a produção e as vendas caem bastante pois é o momento mais difícil para secar e queimar as peças e escoar a produção.

## CONCLUSÃO

O presente artigo demonstrou a grande importância das pesquisas em comunidades tradicionais que ainda mantêm ofícios ancestrais, como o modo de fazer cerâmica. Por meio desses estudos, é possível conhecer o passado e ao mesmo tempo entender modo de vida presente e as suas relações com o mundo globalizado. A arte e produção ceramista são bastante antigas e demonstram uma gama de conhecimento relacionada ao manejo de matérias-primas, as habilidades técnicas, ao território, as redes de colaboração e venda, além de refletir a tradicionalidade do passado não somente na maneira de produzir as peças de cerâmicas, mas também na utilização dessas, que eram essenciais no passado, sobretudo no contexto do Quilombo de Itamatatiua, onde as mulheres mantêm com afinco os suportes de memória, história e identidades.

## REFERÊNCIAS

- Arnold, D. 1985. *Ceramic Theory and Cultural Process*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Bandeira, A M. 2013. Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. Tese de Doutorado. 2013. Tese. Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Bandeira, A M. 2018. Aproximações entre a etnografia arqueológica e os modos de fazer na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, Alcântara – Maranhão. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 12. V. 2. UNICAMP: Campinas.
- Bandeira, A M. 2018. Bandeira, Arkley Marques. A produção ceramista tradicional na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, Alcântara - Maranhão: técnicas de manufatura. In *Anais do I Seminário Internacional Povos e Comunidades Tradicionais frente aos projetos de desenvolvimento*. São Luís: GEDMMA – UFMA.
- Bellido, A V; Latine, R M. 2013. Cerâmicas arqueológicas brasileiras: uma revisão de estudos arqueométricos em sítios arqueológicos do Acre, bacia Amazônica e da Região dos Lagos, Rio de Janeiro. Universidade federal fluminense- Niterói.
- Cprm, 2011. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão: relatório diagnóstico do município de Alcântara-Maranhão. Teresina-Brasil.
- Embrapa (2019). Solos do Nordeste. Recife, 2006. Disponível em: <<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.html>>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- Incrá 2017. Regularização de território quilombola, perguntas e respostas. Brasília.
- Iphan. 2000. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Feitosa, A C., Trovão, J R. 2006. Atlas escolar do Maranhão: espaço geo-históricocultural. João Pessoa: Grafset.
- Fonseca, JJS. 2002. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC.
- Pereira, CC M. 2011. Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatiua. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB/

\*\*\*\*\*